

# RELEXIFICAÇÃO E REANÁLISE NA CODIFICAÇÃO DO PROGRESSIVO NO CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU

Heloisa Maria Moreira Lima Salles - UnB  
Cleonice Candida Gomes - UnB/UCB

## 1. Introdução

A reanálise é um fenômeno descrito na teoria gramatical em termos de mudança categorial. Mais especificamente, refere-se a um processo em que uma categoria lexical torna-se funcional, mediante (i) mudança (ou esvaziamento) em seu significado (também referido como 'semantic bleaching', cf. Hopper and Traugott (1993:87)) e (ii) realização em um dado elemento de propriedades gramaticais de núcleos funcionais (cf. Roberts & Roussou (2000)). No presente estudo, esse processo é discutido em relação à codificação do progressivo no crioulo da Guiné Bissau (doravante GB). Assumindo-se a abordagem da gramática gerativa, propõe-se que a expressão do progressivo nessa língua é o resultado da reanálise da forma *na* do português como um núcleo funcional codificador do aspecto durativo.

Na crioulição, esse processo tem duas etapas: (i) a constituição do *pidgin*, que envolve crucialmente a chamada 'relexificação' (cf. Lumsden, 1999), e (ii) a nativização (abrupta) do *pidgin*, que supõe a manifestação da reanálise (cf. Bickerton, 1981). A relexificação está associada a processos de aquisição de L2, manifestando-se em situações em que os membros da comunidade lingüística se encontram expostos à situação de adotar um sistema de comunicação construído a partir de um *input* lingüístico esvaziado das propriedades gramaticais da língua lexificadora (ou de superestrato): categorias lexicais da língua lexificadora são atualizadas na estrutura da língua de substrato, com o concomitante apagamento ou elipse das categorias funcionais. A reanálise está associada à nativização do *pidgin*: as formas relexificadas do *pidgin* servem de *input* lingüístico para a aquisição, e categorias lexicais são reanalisadas como núcleos funcionais, esvaziando-se de seu conteúdo lexical original e realizando propriedades gramaticais dos núcleos funcionais.

A nativização do *pidgin*, de que resulta a língua crioula, consiste na fixação de um conjunto de opções de realização de princípios altamente restritos da Gramática Universal, os parâmetros. De acordo com essa hipótese, os valores dos parâmetros são especificados ou fixados no processo de aquisição da linguagem. Uma seleção *S* entre as opções disponíveis determina uma língua particular, ou seja, uma língua particular é um exemplo do estado inicial do sistema cognitivo da faculdade de linguagem, com as opções paramétricas especificadas. A fixação dos parâmetros determina a variação translingüística, manifestando-se nas diferentes possibilidades de realização das categorias funcionais em oposição às lexicais, estando, portanto, associada a propriedades do léxico (Chomsky 1995: 219).

Propõe-se que, na formação do crioulo da Guiné Bissau, o *pidgin*, que constitui o *input* da aquisição na formação da língua crioula, apresenta a forma *na*, do português, relexificada em dois contextos: (i) como codificadora do locativo; (ii) como realizadora do núcleo preposicional que introduz a forma verbo-nominal na estrutura do progressivo em línguas como o balanta (tomada como representativa das línguas de substrato). Nesse processo, as propriedades lexicais

da preposição são retidas e as propriedades flexionais são neutralizadas, isto é, a forma *na* não é analisada como uma forma contraída da preposição com o artigo feminino singular, ocorrendo, portanto, como um núcleo lexical invariável.

Assumindo-se uma hierarquia universal de categorias funcionais em todas as línguas (cf. Chomsky, 1995) e o conceito de 'marcação' formulado em Roberts & Roussou (op. cit.), segundo o qual a opção não-marcada na realização das propriedades (ou traços) gramaticais dessas categorias é o mapeamento real-a-um entre traços gramaticais e itens lexicais, o que implica que o sincretismo, isto é uma única realização para mais de um traço, é preferencialmente evitado, propõe-se que, com a nativização (abrupta) do pidgin, a forma *na* é reanalisada como uma categoria funcional codificadora de propriedades aspectuais (o que não exclui que seja mantida como codificadora do-locativo). Nesse processo, a preposição *na* esvazia-se de seu conteúdo denotativo e lexical e passa a realizar propriedades do núcleo funcional de aspecto, interagindo com o sistema de codificação dos traços de modo e tempo, também realizados por itens lexicais específicos e exclusivos dessas funções.

O estudo se desenvolve como a seguir: na seção 2, discute-se o estatuto das categorias lexicais e funcionais na abordagem gerativa, considerando em particular a categoria preposição; na seção 3, discute-se a reanálise gramatical da preposição *na* como codificadora do aspecto durativo no crioulo da Guiné Bissau, partindo-se do processo de relexificação da forma *na* no pidgin. Na seção 4, são apresentadas as considerações finais.

## 2. Categorias lexicais e funcionais

A distinção entre categorias lexicais e funcionais é intuitiva, tendo sido apontada logo nos primórdios da descrição gramatical. Segundo Lyons (1979), a gramática tradicional (greco-latina), seguindo a tradição aristotélica, agrupou os elementos lingüísticos em categorias, definidas ora em relação ao modo de significar desses elementos, ora em relação às propriedades acidentais a eles associados. Nesse sentido, distinguiu as chamadas partes maiores - nomes, verbos, adjetivos e advérbios -, assim definidas por terem significação em si, por se referirem a substância do mundo físico, e as partes menores - preposições, conjunções -, assim definidas por serem desprovidas de significado substantivo, destinando-se a contribuir para o significado geral da frase. Na palavra, tomada como unidade de análise, identificavam-se, além da substância, os seus acidentes, os quais correspondiam às formas que assumiam de acordo com sua função sintática - o caso, a concordância.

No âmbito da teoria gerativa, assume especial relevância o fato de que as categorias lexicais (ou substantivas) possuem propriedades de seleção semântica de argumentos (como agente, tema, paciente), enquanto as categorias gramaticais, referidas como funcionais, manifestam propriedades de seleção categorial (selecionam categorias como nomes, orações) e morfológica (ligam-se por operações morfológicas à categoria que selecionam), além de apresentar traços como número, gênero e pessoa. Considera-se então que um fator de variação translingüística é a forma como está parametrizada a seleção categorial e morfológica dos núcleos funcionais. De fato, a expressão sintática da estrutura argumental de um núcleo lexical é idêntica nas línguas. A diferença está na manifestação das propriedades gramaticais nos núcleos funcionais.

A distinção entre categorias lexicais e funcionais se torna particularmente interessante quando se discute o estatuto das preposições. Assumindo-se o ponto de vista da gramática gerativa, não é difícil reconhecer que as preposições, como as demais categorias lexicais (Verbo, Nome,

Adjetivo), têm propriedades de selecionar semanticamente argumentos. Conforme ilustrado em (1a) e (1b), do português e do crioulo GB, respectivamente, os argumentos *Maria* e *Brasília* se encontram em uma relação semântica de localização espacial definida pela preposição *em* e não pelo verbo, que tem propriedades de verbo ligação (sendo ainda marcado para o traço semântico [-permansivo]):

- (1) a *Maria* está em *Brasília*  
 b: *Maria* sta na *Guiné*

No entanto, em (2), a preposição *de* não apresenta propriedades de seleção semântica, sendo o argumento selecionado pelo núcleo nominal *construção*. Conforme proposto em Chomsky (1986), a preposição realiza o Caso estrutural, mas não atribui papel temático ao argumento (cf. ainda Salles, 1992):

- (2) a *construção* de *Brasília*

Na abordagem minimalista, são definidas como funcionais os núcleos T, C e D, que codificam, respectivamente, propriedades gramaticais de tempo, finitude/tipo frasal e referencialidade/definitude (Chomsky, 1995). Enquanto T e C são projeções estendidas da oração, D é projeção estendida do nome, conforme ilustrado a seguir:

- (3) a. [<sub>CP</sub> C [<sub>TP</sub> T [<sub>VP</sub> ...  
 b. [<sub>DP</sub> D [<sub>NP</sub> ...

Como será demonstrado, a expressão do progressivo na língua crioula GB resulta da reanálise de uma categoria lexical como um núcleo funcional.

## 3. Codificação aspectual no crioulo da Guiné Bissau: relexificação e reanálise

### 3.1 Relexificação, elipse de categorias funcionais e reanálise

Segundo Lumsden (1999), com base em estudos que remontam a Lefebvre (1986), Lumsden & Lefebvre (1989) e Lumsden (1994a, b) (*apud* Lumsden (op. cit.)), a formação do crioulo supõe necessariamente a aquisição de segunda língua por adultos, a que se associam três processos cognitivos: a relexificação, a elipse de categorias funcionais e a reanálise. A relexificação é um processo mental/cognitivo que constrói novas entradas lexicais pela combinação de novas formas fonológicas com a informação sintática e semântica de entradas lexicais já estabelecidas. Nesse processo, as propriedades semânticas e lexicais do item em questão pertencem à língua nativa e a forma fonológica desse mesmo item à língua alvo. Dado que as categorias funcionais são desprovidas de conteúdo semântico denotacional, segue-se que são imunes à relexificação, sendo que *pidgins* e jargões oferecem suporte empírico para essa conclusão (cf. ainda seção anterior)

A elipse de categorias funcionais está relacionada à hipótese de que de que categorias funcionais são exigidas nos enunciados de línguas naturais por princípios universais da gramática. É, portanto, improvável que não existam categorias funcionais na representação mental subjacente aos *pidgins*. Conforme proposto em Silverstein (1972, *apud* Lumsden op. cit.), cada falante usa

o vocabulário comum de rótulos de categorias lexicais junto com categorias funcionais de sua língua nativa, mas sem pronunciar essas últimas.

A reanálise é um processo cognitivo que associa o rótulo de uma categoria lexical com a entrada lexical de uma categoria funcional em uma mesma língua. Ao contrário da relexificação, o processo da reanálise restringe-se a categorias funcionais. Nesse sentido, à elipse das categorias funcionais, observada no *pidgin*, segue-se a possibilidade de reanálise de uma categoria lexical em uma posição funcional, atribuindo-lhe uma matriz fonológica. Segundo Lumsden, o processo de reanálise pode ser observado tanto no desenvolvimento de formas estendidas de *pidgins*, ocorrendo, portanto, na aquisição de L2 por adultos, quanto na criouliização, que corresponderia à aquisição de L1 por crianças.

No presente estudo, assume-se a abordagem de Lumsden, na análise do desenvolvimento do progressivo no crioulo GB. Nessa abordagem, verifica-se a possibilidade de assimilar a hipótese de que o crioulo é formado com a nativização (abrupta) do *pidgin* (cf. Bickerton, 1981), ao mesmo tempo em que se considera o papel das línguas de substrato e superstrato.<sup>1</sup> Propõe-se que a expressão do progressivo no crioulo GB envolve a reanálise da preposição lexical *na* como um núcleo funcional codificador de traços gramaticais de aspecto. Ignora-se, portanto, a possibilidade de que a reanálise ocorra em formas expandidas do *pidgin*, como um processo de aquisição de L2. Assume-se ainda a abordagem de Roberts & Roussou (op. cit.), em particular a proposta de que a forma não-marcada, que emerge nos casos em que o *input* mostra-se ambíguo ou inespecificado, caracteriza-se pela correspondência um-a-um entre traços gramaticais e itens lexicais que realizam a categoria funcional.

### 3.2 A sintaxe da forma *na* no crioulo da Guiné-Bissau

#### 3.2.1 A forma *na* como categoria lexical

O crioulo GB codifica o locativo por meio do item lexical *na*, conforme ilustrado em (4)<sup>2</sup>.

- (4) a. i fia salton na korda  
3SG enfiar saltão LOC corda  
'ele/ela enfiou o saltão na corda'
- b<sub>1</sub> i sta na si kasa  
3SG estar LOC 3SG/POS casa  
'ele/ela está em sua casa'

O emprego de *na* pode ser facilmente explicado em termos de relexificação. Nesse caso, a preposição é lexical, e a língua crioula atualiza, na posição de núcleo do sintagma preposicional, a forma *na* do português (europeu), encontrada no mesmo contexto. No entanto, como é de se esperar, na língua crioula, a forma *na* não é analisada como a contração da preposição *em* com o artigo feminino singular *a*. As propriedades lexicais da preposição são retidas, mas a categoria funcional determinante, representada pelo artigo, bem como as propriedades flexionais do artigo não são ativas, e a forma *na* ocorre como um núcleo lexical invariável.

Pode-se dizer que o caráter invariável da forma *na* relaciona-se ao fato de que, no crioulo GB, existe artigo indefinido (cf. 5a), mas não artigo definido. Como ressaltado em Couto (1994:

99), "não há uma linha divisória nítida entre a classe dos 'artigos', de um lado, e a dos 'pronomes/adjetivos demonstrativos', por outro". Além disso, a interpretação definida do nome é obtida na ausência de determinante (cf. 5b):

- (5) (a) un minjer sai pa ba paña salton na roda di mar  
INDEF mulher sair para FUT pegar saltões em beira de mar  
'uma mulher saiu para pegar saltões à beira-mar'
- (b) minjer di salton sai  
mulher de saltão sair  
'a fêmea do saltão saiu'

Essa característica pode estar associada ao fato de que as propriedades do artigo em português são codificadas em balanta (e nas línguas africanas do tronco Níger Congo) por meio de um sistema de prefixos de classe nominal (que marcam os traços [+/- humano] e [+/- animado]) e de um morfema marcador de definitude, posposto ao nome, os quais não têm qualquer realização no crioulo GB. Nesse sentido, supõe-se que no *pidgin* essas categorias funcionais estão elididas, tendo o crioulo GB desenvolvido uma forma de codificar a interpretação referencial por meio de processo gramatical distinto das línguas de substrato e superestrato.

É interessante notar ainda que verbos de movimento não são construídos com preposições locativas, como se verifica em (6):

- (6) gosi no bai kasa  
agora 1PI ir casa  
'agora nós vamos para casa'

Isso se explica pelo fato de que o argumento *kasa* é selecionado pelo verbo *bai*, não havendo razão para o uso, nesse contexto, da preposição locativa, que tem propriedades de categoria lexical. Como será demonstrado, o estatuto funcional do elemento *na*, no crioulo GB, se restringe à codificação do aspecto progressivo.

#### 3.2.2 A forma *na* como categoria funcional

Segundo Couto (1994), o sistema Tempo, Modo, Aspecto (TMA) no crioulo GB codifica os traços [+/-anterior], [+/-não-punctual] e [+/-irrealis]. Assim, em (7a), a ausência de marcas gramaticais codifica os traços [+anterior], [-não-punctual], [-irrealis]; em (7b), o morfema {ba} codifica os traços [-anterior], [-não-punctual], [+irrealis]; em (7c), o morfema {ta} codifica os traços [-anterior], [+não-punctual], [-irrealis]; em (7d), o morfema {na} codifica os traços [-anterior], [+não-punctual], [-irrealis]<sup>3</sup>:

- (7) (a) i fuma  
3SG fumar  
'ele/ela fumou'
- (b) i ba fuma  
3SG IRR fumar  
'ele/ela vai fumar'

- (c) i ta fuma  
3SG HAB fumar  
'ele/ela fuma; ele/ela é fumante'
- (d) i na fuma  
3SG PROG fumar  
'ele/ela está fumando'

É interessante notar que os morfemas {ta} e {na}, marcados pelo traço [+não-puncual], se distinguem respectivamente pela interpretação habitual e permansiva, por um lado, e eventiva, por outro (cf. (7c) e (7d)). A leitura durativa é compatível com os traços [+anterior] e [+irrealis], o que explica a co-ocorrência dos morfemas {ta} e {na} com as formas codificadoras desses traços, conforme ilustrado em (8a-c):

- (8) a. i ba ta fuma  
3SG IRR HAB fumar  
'ele(a) vai ser fumante'
- b. i na ba fuma  
3SG PROG IRR fumar  
'ele(a) vai estar fumando/ ele(a) estará fumando'
- c. i na ba ta fuma  
3SG PROG IRR HAB  
'ele(a) vai ficar fumando/sendo fumante'

### 3.2.3 Relexificação e reanálise da forma *na*

Retomando-se o caso do morfema {na} codificador do progressivo, é inevitável a observação de que é homófono da forma que realiza a preposição lexical *na* (cf. (4) e (7d)). Propõe-se que a relação entre essas categorias pode ser formulada em termos da hipótese da relexificação na formação do *pidgin* e de reanálise, na formação do crioulo, a partir das formas relexificadas do *pidgin*. Conforme detalhado na seção 3.1, a relexificação consiste na realização de propriedades semânticas de núcleos lexicais da língua de substrato por meio de formas fonológicas de categorias lexicais da língua lexificadora (no caso o português), permanecendo as propriedades das categorias funcionais sem realização fonológica (elipse). Esse processo pode ser demonstrado considerando-se a expressão do progressivo na língua balanta, tomada como representativa das línguas de substrato no surgimento do *pidgin*.<sup>4</sup>

Na língua balanta, a preposição {a} realiza-se como categoria lexical em contextos adverbiais (locativos) e na estrutura do progressivo. Em (9), ilustra-se o morfema {a} com valor locativo-espacial em (a-b) e temporal em (c) (cf. Gomes, 2002).

- (9) a. João wòm malu ma a bádzi pta  
João comer arroz DEF LOC baixo árvore  
'João comeu o arroz embaixo da árvore'
- b. João wòm malu ma a teda pta  
João comer arroz DEF LOC acima árvore  
'João comeu o arroz em cima da árvore'
- c. João jātu a gimãda

João sair LOC noite  
'João saiu meia-noite'

O progressivo é realizado por meio de uma perífrase: tem-se o morfema {gi}, com valor de verbo auxiliar, ao qual é anexado o morfema de pessoa, seguido do morfema preposicional {a} e do tema verbo-nominal. O tema verbo-nominal é composto de classe nominal e raiz verbo-nominal (cf. Gomes & Salles (2001)). Os exemplos em (10) ilustram o aspecto progressivo associado ao tempo presente:

- (10) a. a-gi a p-sag wede  
3SG-PROG LOC CN-pedido água  
'(ele/ela) está pedindo água' (lit.: (ele/ela) está em pedido de água)
- b. à-gi a gī-ridji  
3SG-PROG LOC CN-choro  
'(ele/ela) está chorando' (lit.: (ele/ela) está em choro)

Considera-se que o caráter verbo-nominal da raiz indica que essa forma tem propriedades de argumento, cabendo definir seu predicador. A forma {gi} não apresenta propriedades lexicais: realiza traços gramaticais de aspecto e seleciona categorialmente o sintagma preposicional. Assim, infere-se que a preposição {a} seleciona o referido argumento, apresentando, portanto, estatuto de categoria lexical (cf. seção 2).

Nesse sentido, no *input* lingüístico para a nativização do *pidgin*, as propriedades semânticas do núcleo preposicional da língua de substrato são realizadas pela matriz fonológica da categoria lexical correspondente na língua lexificadora, a saber a forma *na*, conforme ilustrado em (11) – note-se que a categoria funcional T desdobra-se em dois núcleos funcionais, T e Asp, uma possibilidade que pode ser relacionada à manifestação da forma não-marcada, que requer o mapeamento um-a-um entre os traços do sistema TMA e os itens lexicais que os realizam:

$$(11) [_{CP} C_{\emptyset} [_{TP} T_{\emptyset} [_{AspP} Asp_{\emptyset} [_{PP} P_{na} [_{V/NP}$$

Assim, o *input* lingüístico para a nativização do *pidgin* é a estrutura em (11), em que as categorias funcionais não apresentam matriz fonológica, e a forma *na* realiza as propriedades semânticas do núcleo lexical P.

Na codificação do sistema TMA do crioulo GB, a reanálise da forma *na* consiste na realização desse elemento na posição estrutural do núcleo funcional codificador do aspecto. Nesse processo, verifica-se a simplificação da estrutura, o que se relaciona com a redistribuição das propriedades lexicais codificadas no *pidgin* pela preposição e pela raiz verbo-nominal em um único núcleo lexical verbal (cf. (12)):

$$(12) [_{CP} C_{\emptyset} [_{TP} T_{\emptyset} [_{AspP} Asp_{na} [_{VP} V_{[P+V/N]} \dots$$

Esse processo pode ser analisado em termos da proposta de Roberts & Roussou (op. cit.) para a mudança lingüística, em particular no que se refere ao papel das categorias funcionais. Segundo esses autores, a variação translingüística está no fato de que núcleos funcionais podem

ou não ter matriz fonológica, estando a primeira opção (isto é, ter matriz fonológica) em variação quanto à possibilidade de ser obtida por meio de movimento de categoria na estrutura (afixação sintática) ou de inserção de um item lexical disponível no léxico exclusivamente para realizar as propriedades relevantes (forma não-presa). Como consequência, a realização por movimento implica o surgimento de formas sincréticas, codificadoras de traços gramaticais dos núcleos funcionais envolvidos, as quais, por sua vez, são consideradas 'marcadas'.

Adotando-se a noção de 'marcação', a forma preferida (ou não-marcada) é aquela em que o mapeamento entre os traços gramaticais e os itens lexicais é um-a-um. Assumindo-se que a nativização do *pidgin* ocorre em face de um *input* ambíguo ou inespecificado, a criança, nesse processo, será guiada pelas propriedades da gramática universal, manifestando-se o processo 'default' ou não-marcado. É precisamente o que acontece no crioulo GB: o item lexical *na* é gramaticalizado como codificador exclusivo das propriedades gramaticais no núcleo funcional de aspecto – o que não se confunde com a realização da forma *na* como categoria lexical locativa. Esse processo relaciona-se, por sua vez, ao fato de que o sistema TMA do crioulo GB é realizado por itens lexicais específicos na codificação dos traços gramaticais dos núcleos funcionais relevantes (cf. seção 3.2.2).

#### 4. Considerações finais

De acordo com a hipótese da relexificação, o *pidgin* resulta da atualização de categorias lexicais da língua de superestrato na estrutura da língua de substrato, com a elipse das propriedades gramaticais dos núcleos funcionais desta última. Com o surgimento do crioulo, propriedades gramaticais são codificadas sintática e morfologicamente. Essa codificação pode ser feita por meio da reanálise de categorias lexicais em posições funcionais. A reanálise, por sua vez, ocorre em categorias funcionais definidas como uma hierarquia universal. Os dados examinados vêm confirmar essa hipótese: na expressão do progressivo no crioulo da Guiné Bissau, a forma *na* realiza o núcleo funcional codificador do aspecto.

Finalmente, considera-se que o núcleo funcional codificador do aspecto progressivo no crioulo da GB é realizado por inserção de um item lexical independente (forma não-presa), a forma *na*. Essa realização é analisada como manifestação 'default' de propriedades da gramática universal em face de um *input* ambíguo ou inespecificado, o que vem ao encontro de análises que atribuem como característica da criouliização a ausência de movimento sintático (ou afixação sintática). Essa abordagem vem confirmar ainda a hipótese de que o *locus* da variação e da mudança lingüística se encontra nas propriedades morfológicas de categorias funcionais.

\*Somos gratas a Hildo Honório do Couto por nos ter apontado a construção progressiva do crioulo da Guiné Bissau como um tema passível de ser tratado de acordo com a hipótese de relexificação. Agradecemos também à audiência do II Encontro da Associação Brasileira de Crioulistas pelos comentários a nossa análise e pela oportunidade de discutir os temas da criouliização.

#### 5. Referências

- Bickerton, D. (1981) *Roots of language*. Ann Arbor, Mich.: Karoma.  
 Chomsky, N. (1986) *Knowledge of language*. New York: Praeger  
 \_\_\_\_\_ (1995) *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

- Couto, H. H. (1994). *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Buske. (Kreolische Bibliothek; Bd. 14).  
 \_\_\_\_\_. (1996). *Introdução aos estudos das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.  
 Gomes, C. C. (2002). *A representação do sujeito na língua balanta*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.  
 \_\_\_\_\_. & Salles, H. M. (2001). 'A morfologia do verbo em Balanta'. Comunicação ao I Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – GELCO.  
 Hawkins, R. (2001) *Second language syntax – a generative introduction*. Malden, Mass.: Blackwell.  
 Hopper, P. & E. Traugott (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: CUP.  
 Lumsden, J. S. (1999). 'Language acquisition and creolization'. In: DeGraff, Michel (ed.) *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*. Cambridge, Massachusetts; London, England: the MIT press. Pp. 129-157.  
 Lyons, J. (1979) *Introdução à lingüística teórica*. [tradução Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel]. São Paulo: Editora Nacional/USP.  
 Wilson, W. A. A. 'Atlantic'. In: Bendor-Samuel, J. (ed.). (1989). *The Niger Congo languages*. Lanhan, New York, London: University Press of America. Pp. 81-104.  
 Salles, H. M. L. (1992) *Preposições do português: um estudo preliminar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

#### Notas

- O papel da L1 na aquisição de L2, bem como as questões relativas à constituição do *input* tem sido objeto de debates nas teorias de aquisição. Em particular, no que se refere ao papel das categorias funcionais da L1, as abordagens divergem quanto ao acesso pleno, parcial ou à existência das chamadas 'projeções mínimas'. Para uma revisão dessas questões, consulte-se Hawkins (2001).
- Os exemplos do crioulo da Guiné-Bissau são extraídos de Couto (1994, 1996) e glosados pelas autoras. As abreviações usadas são: CP – sintagma complementador (complementiser phrase), TP – sintagma de tempo (tense phrase), VP – sintagma verbal (verb phrase), DP – sintagma determinante (determiner phrase), PP – sintagma preposicional (preposition phrase), LOC – locativo, SG – singular, PL – plural, PERF – perfectivo, PROG – progressivo, HAB – habitual, IRR – irrealis, DEF – marcador de definitude, CN – classe nominal.
- A forma {ba} pode ocorrer ainda posposta ao verbo (cf. i). Segundo Couto (op. cit.), nesse caso, tem-se uma leitura de tempo passado. Consideramos que a forma {ba} nessa posição tem propriedades distintas daquelas descritas para a análise do sistema TMA em (7).  
 (i) i fuma ba  
       3SG fumar PERF  
       'ele/ela tinha fumado'
- O balanta é uma língua falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau. A língua balanta pertence à família Atlântica do tronco Níger-Congo, que possui como línguas mais faladas: o fula, o wolof, o diola, o serer, o temne. A língua balanta se encontra no braço do norte, no grupo denominado Bak, juntamente com o diola (mandinga), o manjaco, o mancanha e o papel (cf. Wilson, 1989:88).